

Sábado, 21 de Abril de 1956

RUBEM BRAGA

O R E G I M E

ÉASSE pessoal parece que ainda não entendeu o regime; por isso é que está saindo tanta confusão.

Por exemplo: mudar a capital não muda o regime. O presidente Juscelino quer ir para Goiás, o planalto é sua Pasárgada. No fundo o problema dele não é bem esse: é mudar a sede do Governo. Da praça da República para a rua do Catete. Um pessoal que frequenta um casarão da rua São José que tem um homem de camisola em frente resolve, por maioria, em um papel escrito, fazer regime parlamentar. Pois já não fizeram? Agosto de 1955 não está tão longe assim, e nessa ocasião vimos que o Executivo, tendo perdido a confiança do Legislativo, foi derrubado. Caíram dois gabinetes, um atrás do outro. Parlamentarismo é isto: quando o Palácio do Catete perde a confiança do Palácio da Guerra, este manda o Palácio Tiradentes derrubar o governo. É verdade que é um pouco diferente do parlamentarismo inglês ou francês; paciência, nós somos sul-americanos.

Além do mais nós temos uma Constituição, que aliás pode ser reformada, não se sabe muito bem se pelo ministro da Justiça ou pelo líder da maioria; mas que pode, pode. Isto é: não pode. No momento pelo menos não pode, pois, de acordo com o chamado Direito Natural, o supremo intérprete da Constituição é um ministro civil chamado ministro da Guerra. Esse senhor tem duas mãos; numa pega a Constituição, na outra um parabelum. Que beleza, se lembram? Pois esse senhor lê ou faz que lê a Constituição e descobre lá, sem dizer em que artigo, que o Congresso não pode adotar o regime parlamentar. Você vai discutir com ele?

Eu, não.